



PRISCILA DÓREA*

Inaugurada em 1915, a Avenida Sete de Setembro é uma memória viva de Salvador, um retrato síntese de tudo o que a cidade representa. Aberta como parte de um ousado projeto de modernização urbana, a via que completa 110 anos neste final de semana, conecta o Farol da Barra à Praça Castro Alves. Seus quase 5km cortam diferentes bairros, criando um passeio cultural que entrega história, tradição popular, construções centenárias, vista para o mar e um disputado e intenso comércio de rua.

A Avenida Sete começa no Farol da Barra, sobre a Ladeira da Barra, percorre o Corredor da Vitória, passa pelo Campo Grande, corre lado a lado com a Avenida Carlos Gomes e termina na Praça Castro Alves, ali na beirada da antiga sede de A TARDE (onde hoje é o Hotel Fasano), no coração do Centro Histórico. Cada trecho tem características diferentes e muito próprias.

Por causa da extensão e localidades que atravessa, durante décadas a Avenida Sete - junto à Rua Chile -, foi o principal centro comercial da capital, mas também muito cobiçada pela elite, que encontrava nas ruas largas e arborizadas da Vitória, por exemplo, o lugar ideal para fixar moradia.

"E olha que nem havia essa valorização da vista para o mar que temos hoje. Mas a região tinha uma série de vantagens que as ruas estreitas de Nazaré e do Centro Histórico não tinham", explica o arquiteto e professor da Faculdade de Arquitetura da Ufba, Nivaldo Andrade.

O Corredor da Vitória está entre os trechos da Avenida Sete que receberam nomes específicos, assim como a Ladeira da Barra. Popularmente, chamamos de Avenida Sete todas as ruas entre o Campo Grande e a Praça Castro Alves, ou seja, a parte mais comercial. Os endereços chiques, no entanto, também são parte da via centenária.

Comparando com os tempos áureos após a inauguração, a parte 100% comercial da Avenida Sete decaiu nos últimos 50 anos, com o surgimento dos shopping na cidade. Mas, a região ainda permanece agitada pelo comércio intenso, principalmente o popular.

Arquitetura eclética

A abertura da Avenida Sete em 1915 significou o fortalecimento da arquitetura eclética em Salvador, aponta o professor Nivaldo. "Construções neogóticas e com outras variações do ecletismo vão surgir ao longo da avenida, dando nova cara para a cidade, muito semelhante ao que havia acontecido 10 anos antes no Rio", explica.

A remodelação do Rio de Janeiro inspirou o então governador da Bahia, J. J. Seabra, a abraçar o projeto de abertura da Avenida Sete de Setembro, criando a via alargada a partir de ruas menores já existentes no Centro antigo.

Antes de se eleger mandatário da Bahia, Seabra fez parte do governo federal e ocupou o cargo de Ministro da

Avenida Sete abriga

A PAISAGEM E A CULTURA DIVERSA DE SALVADOR

URBANISMO Via foi inaugurada há 110 anos para modernizar o Centro da cidade e alinhar o traçado da capital baiana ao de outras metrópoles do Brasil e do mundo



Cedoc A TARDE / 24.3.1908

Vista da Avenida Sete nos anos 1980; pista tem 21 metros de largura



Cedoc A TARDE / 25.1.1915

Obra na área central da via, em janeiro de 1915



Cedoc A TARDE / 3.4.1915

Fotolegenda mostra cratera aberta pelo mar

Justiça e Negócios Interiores (1902 a 1906) e Ministro da Viação e Obras Públicas (1910 a 1912). A partir da janela de seu escritório, no Rio, viu as mudanças na então capital do país, no começo do século XX.

Na época, a América Latina queria se modernizar, deixar de lado o passado colonial português e espanhol. Em Salvador, essa herança era especialmente forte porque a cidade foi a primeira capital do Brasil e manteve o posto por 237 anos, praticamente toda a era colonial. As cidades latinas queriam respirar ares de Paris e a capital baiana entrou na onda.

"Quando J. J. Seabra assumiu o governo da Bahia em 1912, começou a implementar algo parecido com o que vinha sendo feito em várias cidades. Paris era a grande referência e esse planejamento passa por um ideal de modernização que está ligado à ideia de civilização: ruas mais retas e largas, pensando na questão do fluxo, estética, embelezamento, vegetação e iluminação pública, que quase não existia até então", explica Nivaldo Andrade.

Endereço cobiçado

Com a obra em andamento, aquela área do Centro de Salvador entrou no radar de entidades como a Associação dos Empregados do Comércio. Em 30 de se-

tembro de 1913, reportagem de A TARDE noticiou flagra em meio ao canteiro: "Encontramos ontem à tarde, nas proximidades da área onde foi a igreja de São Pedro, hoje demolida, o sr. Alberto Martins Catharino, examinando, medindo a passos, ora de um, ora de outro lado, os terrenos daquelas visinhanças, por entre os quaes está feito o traçado de uma nova avenida. Era o presidente da Associação dos Empregados no Comércio quem ali estava e estudava o local aonde seria edificada a nova sede social da corporação", diz o texto.

Perguntado se o edifício seria grandioso, o presidente respondeu:

"Grandioso não direi. Mas que não desaparecerá ao lado dos demais da Avenida, em construção". Anos depois, em 30 de dezembro de 1917, ele inaugurou a sede da Associação dos Empregados do Comércio da Bahia (AECB) onde hoje é o Palacete Tira-Chapéu.

Mas, nem tudo deu certo de primeira na abertura da Avenida Sete. Outro flagra de A TARDE, esse de 3 de abril de 1915, traz fotolegenda de uma cratera aberta em um trecho da obra em vias de finalização. Na imagem, operários posam junto ao buraco. A legenda diz: "A força do mar agitado botou abaixo 30 metros da Avenida Sete, no trecho

que levará ao Pharol".

Demolições

Apesar do desejo por modernidade, as reformas para criar a Avenida Sete causaram certa comoção por causa da derrubada de mais de 300 imóveis, incluindo igrejas e sobrados. No estudo de caso As Gran Vias Espanholas e as Grandes Avenidas Brasileiras: Entre Projetos, Reconfigurações e Transformações Urbanas, a mestre em arquitetura Isadora Novaes Scheffler Barbosa Costa explica que muitos proprietários resistiram às demolições. "Foi uma dificuldade constantemente enfrentada por J. J. Seabra (...), pois consideravam as indeniza-

ções de valores muito aquém do que os imóveis valiam", explica a arquiteta, citando o exemplo do proprietário na região das Mercês que só permitiu a derrubada de metade de um imóvel, pois alegou ter recebido apenas metade da indenização.

Entre as construções históricas demolidas para a passagem da via está a Igreja de São Pedro Velho, que deu lugar à Praça Barão de Rio Branco, onde fica o Relógio de São Pedro. Uma nova igreja foi erguida na Praça da Piedade.

Entre as demolições parciais estão a Igreja do Rosário (1746) e o Convento das Mercês (1735). História curiosa é a do Mosteiro de São Bento, que permaneceu de pé pela luta dos monges e expoentes da alta sociedade. Para preservar o monumento, o traçado da avenida contornou o complexo.

"O Mosteiro de São Bento tinha um abade que era uma liderança religiosa e social, na época. Com o apoio de parte da elite soteropolitana, ele conseguiu impedir a demolição. E a avenida teve que se adequar às edificações existentes", conta o professor Nivaldo.

No jornal

A TARDE acompanhou em detalhes as obras da Avenida Sete, que se estenderam por três anos. O jornal manteve os leitores informados das

demolições, das novas construções, embargos, intempéries e custo da obra. Um dia antes da inauguração, em 6 de setembro de 1915, chamada de capa apontava que a avenida "custou-nos os olhos da cara". O jornal, porém, fala do quanto a inauguração da via mobilizou a população, que ocorreu em peso ao evento realizado em meio às comemorações da Independência do Brasil.

"Toda a gente passou o dia alegremente, achando as festas muito boas e a avenida muito melhor (...). A iluminação, então, esteve digna de todos os elogios e chegou mesmo a nos embasbacar", diz trecho da reportagem publicada no dia seguinte, 08.

A partir de 1940, mas, principalmente, nos anos 50, 60 e 70, a avenida se tornou um eixo de verticalização da cidade. "Temos marcos como a Fundação Politécnica, que liga a Avenida Sete com a Carlos Gomes e com uma galeria que permite atravessar de uma para outra. Há o edifício Barão de Rio Branco, próximo ao relógio de São Pedro, que foi feito pelo maior arquiteto brasileiro dos anos 1950, Oscar Niemeyer, [um projeto] que ele nem assina, pois estava envolvido em projetos como o Copan em São Paulo, mas sabemos que é dele", conta o professor Nivaldo.

Da maresia no Porto da Barra à brisa arborizada da Vitória, passando pela efervescência do comércio de rua e caindo nos braços do poeta no meio da praça, a Avenida Sete concentra grande parte dos equipamentos culturais da cidade. "Temos uma série de cinemas de arte e museus, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o Gabinete Português de Leitura, Aliança Francesa, Instituto Cervantes, o Teatro Castro Alves, o Teatro Vila Velha... E muitos outros equipamentos ao longo ou a poucos passos. É o nosso corredor cultural", afirma o arquiteto.

Um corredor cultural que é palco de festas, incluindo a maior, o Carnaval. "Embora tenha decaído, o Carnaval do Centro está retomando o fôlego e sempre foi importante. A Avenida Sete se transforma todo ano durante alguns dias para receber a festa. É virada do avesso e virá outra coisa, que não é a avenida do passado, nem do presente ou do dia a dia, mas uma Avenida Sete recriada, temporariamente, a cada ano", reflete Nivaldo.

APONTE A CÂMERA DO CELULAR E ACESSE CONTEÚDOS DO A TARDE MEMÓRIA



*COLABORARAM ANDREIA SANTANA E TALLITA LOPES

*OS TRECHOS RETIRADOS DAS EDIÇÕES HISTÓRICAS DE A TARDE RESPEITAM A GRAFIA DA ÉPOCA.

MATERIAL ELABORADO COM BASE EM EDIÇÕES DE A TARDE E ACERVO DO CEDOC/A TARDE



Edições de A TARDE sobre inauguração e custos da Avenida Sete